



# Bluménau

*em Cadernos*

TOMO X



MARÇO DE 1969



N.º 3

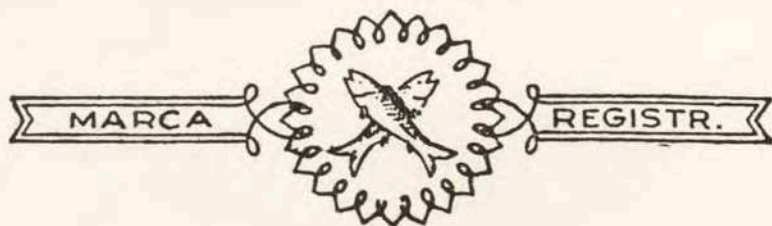
INDÚSTRIA TÊXTIL

# Conpanhia Hering

BLUMENAU - Estado de Santa Catarina - Brasil

RUA HERMANN HERING, 1790 — CAIXA PCSTAL N°. 2

TELEGR.: «**TRICOT**»



Fábrica de:

## ARTEFATOS DE MALHA

FUNDADA EM 1880

Contribuindo para a

Grandeza do Brasil

em seu Comércio

e Indústria



# Blumenau

## *em Cadernos*

TOMO X - ★ MARÇO DE 1969 ★ - Nº. 3

## BLUMENAU EM 1863

Uma das finalidades destes "Cadernos" é dar publicidade aos mais importantes e valiosos documentos relacionados com a fundação e o desenvolvimento da Colônia Blumenau. E, sempre que nos é possível, temos seguido essa norma, publicando relatórios, estatísticas, ofícios, cartas etc. relacionados com os primeiros anos desta cidade e deste município. E para não tornar monótona e pesada a leitura, temos entremeado, nessa publicação, artigos de diversos colaboradores, reminiscências de antigos blumenauenses, procurando, assim, fazer do estudo e conhecimento da nossa história uma tarefa agradável e até mesmo divertida.

Em várias edições anteriores, temos reproduzido o texto dos principais documentos relacionados com as atividades coloniais dos anos de 1850 até 1862. Hoje, vamos resumir os dados estatísticos do ano de 1863. Antes, porém, desejamos esclarecer que o Dr. Blumenau costumava fazer, no final de cada ano, um relatório circunstanciado de tudo quanto de importante se verificara, em sua colônia, nos setores administrativo, social e religioso. Mas, além desse relatório, elaborava, ainda, um quadro estatístico, resumindo os dados constantes do respectivo relatório. Sempre que possível, temos dado, na íntegra, o texto dos relatórios que ainda existem, por cópia, no Arquivo Histórico Municipal. Infelizmente, muitos desses relatórios desapareceram no incêndio que destruiu parte da Prefeitura Municipal, em 1958. Os que temos publicado nestes "Cadernos" são reproduções das cópias mandadas fazer pelo então Prefeito J. Ferreira da Silva, durante a sua gestão no governo do Município, e que se acham ainda em seu poder.

Os dados relativos a 1863 são os seguintes:

Colônia Blumenau. Mapa estatístico do ano de 1863. Integram a Colônia duas freguesias: a da sede de Blumenau e a de São Pedro Apóstolo de Gaspar. Posição geográfica da povoação de Blumenau: 26° 55' 16,5" de latitude e 49° 9' 15" de longitude oeste de Greenwich. Município de Itajaí. Fundada em 1852 e passou ao Governo Imperial em 1860. Há os seguintes empregados na administração da Colônia: Diretor: Dr. Hermann Blumenau. Guarda-livros: Hermann Wendeburg. Agrimensor: João Breithaupt, com um ajudante particular. Feitor: Frederico de Loesecke. Pastor Evangélico: Oswaldo Hesse. Médico: Dr. Bernardo Knoblauch. Professor Público: Victor de Gil-



sa. Sub-Delegado: Guilherme Friedenreich. Os quatro juizes de paz do Distrito com seu escrivão interino. Sistema da pequena propriedade. Os colonos são de nacionalidade alemã, na sua maior parte, contando-se também alguns luso-brasileiros, suíços, dinamarqueses e holandeses. Área da Colônia: cultivada, 2.487.000 braças quadradas. Ainda por cultivar: mais de 50 léguas quadradas. Funcionários públicos: Existe na vizinhança o padre alemão Alberto Gattone, vigário da freguesia de São Pedro Apóstolo, que visita regularmente a Colônia; Dr. Eberhard, professor da escola particular de Itoupava-Sul, mantido pelos colonos e Hermann Westendorf; professor da escola particular do Garcia. O pastor Oswaldo Hesse também mantém uma aula particular, em que ensina as línguas vernácula e alemã, exercícios de escrita e de estilo, aritmética, latim, francês e os princípios de história, geografia e matemática.

Foram medidas 13.686 braças de picadas de frente, margens de rios e ribeirões, que servem de testadas aos vários lotes, a 80 réis por braça. 25.900 braças de fundos e linhas laterais a 40 réis por braça. Executaram-se diversas explorações de importância, sobretudo nos rios Benedito e dos Cedros, para procurar o melhor traçado de uma estrada para a Colônia Dona Francisca (Joinville), uma exploração do Rio Itajaí Açu, no seu curso superior até ao sopé da Serra Geral, no Gaspar Grande e Pequeno e no sertão de Gaspar, em direção à Colônia Brusque, para procurar e localizar o futuro caminho entre as duas Colônias. Nos trabalhos de medição e de exploração foram dispendidos Rs\$ 3:272\$102. No fim do ano de 1862 existiam: 63.628 braças de estradas carroçáveis e 13.984 braças de caminhos para cavaleiros. Foram feitos vários trabalhos, como pontes, bueiros, canais, aterros, escavações etc.

Existia, ainda, um plano inclinado com trilhos de ferro, roldanas, correntes e caçambas, no barranco do rio, em frente à povoação, para carga e descarga das lanchas. Como bens públicos existiam: 3 canoas, 6 balsas para passagem do rio, 3 catraias para passagem em rios menores, 1 carro de 4 rodas para transporte das bagagens dos colonos; 1 dito, forte, para transporte de pedras e carga pesada; 24 carrinhos de mão, ferramentas e utensílios de mão para duas turmas de coveiros, marões e marretas, alçapremas, picões, enxadões, pás; 270 palmos de tubos de barro cozido de 5 a 8 polegadas de vão, para bueiros, madeiras falquejadas e serradas para diversas construções e consertos e uma boa porção de madeiras escolhidas e derrubadas no inverno e destinadas para pontes e outras construções de urgência. Com as obras novas e consertos nas antigas, gastou-se a soma de Rs. 31:468\$422.

No ano de 1863 havia na Colônia: 3 olarias de telhas e tijolos; 2 fábricas de louça de barro; 3 fábricas de cerveja; 2 fábricas de vinagre; 6 fábricas de charuto; 2 padarias; 4 engenhos de serrar; 4 moínhos movidos a água, estando outros 2 em construção.

O valor aproximado das madeiras serradas foi de Rs. 18:000\$000.

A população era de 2.286 almas, sendo 1.191 homens e 1.095 mulheres; maiores de 20 anos, 1.231, de 10 a 20 anos, 398, de 1 a 10 anos, 566 e menores de 1 ano, 91. Essa população estava distribuída por 410 casais. Havia 1.466 solteiros e viúvos. 335 professavam a religião católica e 1.951 a evangélica. Houve 91 nascimentos durante o ano e 27 óbitos, sendo 3 por acidentes: dois morreram afogados no rio e um foi esmagado por uma árvore ao ser esta derrubada. Houve 23 casamentos, sendo 4 católicos e 19 protestantes.

Durante o ano entraram 166 imigrantes, sendo 84 homens e 82



mulheres. Dois imigrantes retiraram-se da Colônia.

A êsse respeito, o dr. Blumenau faz a seguinte observação: "Todos os dados nunca podem ser muito exatos, visto que hoje chegam imigrados que poucas semanas depois se retiram para procurar fortuna em outros lugares e, desenganados, retornam à Colônia poucos meses depois, para se fixarem definitivamente, o que, contudo, evidencia que a Colônia não deixou ainda de exercer seus antigos atrativos sôbre os que a conheceram".

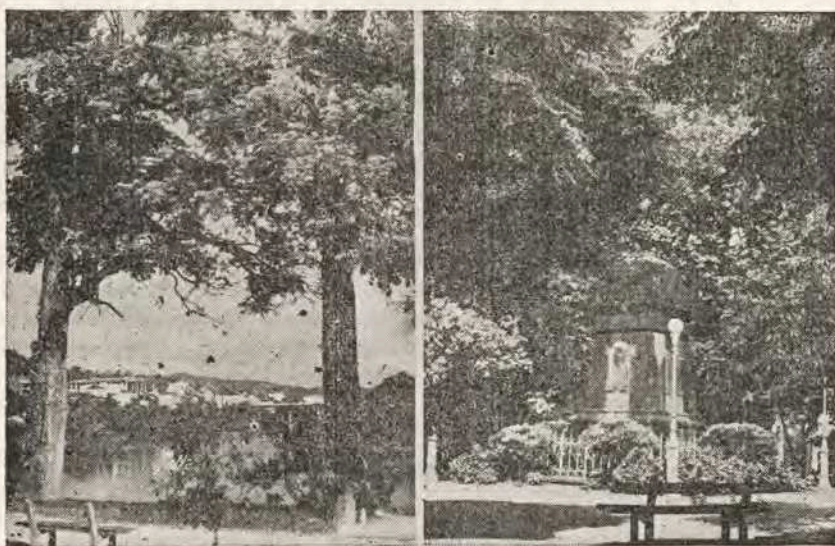
No ano em causa, a imigração foi muito limitada, sobretudo em consequência das muitas recomendações que a Direção foi obrigada a fazer, em vista de circunstâncias de ordem financeira, ao seu agente em Hamburgo, a quem foi pedido que não mandasse senão número reduzido de imigrantes.

Em despesas com o desembarque de imigrantes nos portos de mar e seu transporte até a Colônia, dispendeu-se a soma de Rs. 370\$000. Com víveres fornecidos aos novos imigrantes, com comissões aos agentes no pôrto de Itajaí e no de São Francisco, gastou-se Rs. 954\$295. Com adiantamentos e diárias aos mesmos imigrantes, foram gastos Rs. 7:214\$505.

Por conta dos adiantamentos, foram reavidos Rs. 516\$600. Foram vendidas 1.947.962 braças quadradas de terras, no total de Rs. 15:700\$000, tendo sido arrecadados, por conta dessas vendas, Rs. 2:545\$610.

Havia, no ano em foco, 521 casas já construídas e 23 em construção.

Os edifícios públicos pertencentes à colônia eram: 2 casas de hospedagem no pôrto de mar, com capacidade de alojamento para 200 pessoas;



Dois belos flagrantes de Blumenau. No primeiro, a Igreja Matriz apanhada de um balíssimo e bucólico ângu o e, no segundo, o Monumento comemorativo da fundação de Blumenau e da chegada dos 17 pioneiros, seus fundadores.

3 casas de hospedagem na sede da Colônia e mais uma coberta de "papelão-asfalto" e outra na Itoupava-Sul. Um barracão no Rio do Têsto, um alpendre para abrigo de carros e carrinhos, taboado e outros materiais; um rancho em



Badenfurt para abrigo das bagagens dos imigrantes; um rancho para as canoas uma casa de Escola, uma casa do Pastor Evangélico, 1 alpendre do guindaste 4 cemitérios e uma casa de detenção.

Na vizinhança havia a capela de São Pedro Apóstolo, servindo de matriz da freguezia do mesmo nome.

Havia regulares plantações de mandioca, milho, feijão, tubérculos, cana de açúcar, café, fumo, araruta etc. Grande parte da produção da mandioca, principalmente na época dos preços baixos da farinha, era empregada na alimentação do gado leiteiro, para aumento da produção de leite, queijo e manteiga.

Em junho e julho o frio foi intenso, prejudicando grandemente a produção agrícola. Assim também as grandes chuvas e enchentes de outubro e novembro, de sorte que o montante da produção da colônia, em 1863, não ultrapassou, de muito, como era de esperar, o montante do ano anterior. Foram principalmente afetados pela inconstância do tempo as plantações de cana, de café, fumo e mandioca. Os cafêzais, principalmente, sofreram muito e a sua recuperação só se poderia esperar para dois ou três anos mais tarde, isso se novos frios não se verificassem.

Foi feita, com bons resultados, uma experiência de cultura de trigo, em vista do que o Diretor da Colônia solicitou do govêrno provincial uma maior quantidade de sementes.

Em 1863, havia na zona rural 55 engenhos de açúcar com cilindros de madeira e 3 com cilindros de ferro, enquanto os alambiques eram em número de 59; havia, igualmente, 53 engenhos de farinha e 16 carros de 4 rodas, com eixos de ferro.

A Colônia importou sal, fazendas estrangeiras, ferro, tecidos, sabão, café e outras miudezas, tudo num montante aproximado de 42 contos de réis.

No que tange à exportação da Colônia, ela foi bastante considerável, embora não tanto quanto no ano anterior pelas circunstâncias já anteriormente mencionadas. Exportaram-se madeiras serradas, charutos, algum açúcar, aguardente, vinagre, farinha de milho, tudo no valor aproximado de 14 contos de réis.

Em 1863 havia na colônia: 14 marceneiros, 17 carpinteiros, 4 fabricantes de carros, 1 fabricante de canoas, 2 construtores de engenhos, 3 torneiros, 6 tanoeiros, 12 pedreiros, 2 cavouqueiros, um açougueiro, 6 alfaiates, 8 sapateiros, 5 seleiros, 1 funileiro, 8 ferreiros, 3 mecânicos, 1 espingardeiro, 1 relojoeiro, 1 caldeireiro, 3 barqueiros e catraieiros, 1 médico homeopata e parteiro, 1 farmácia, 10 casas de negócios de secos e molhados e 6 hospedarias e tavernas.

Os moradores da Colônia possuíam 80 canoas, no valor de Rs. 3:000\$000.

Uma grande canoa e 1 bote faziam carreira regular para a Vila de Itajaí, o pôrto de mar da Colônia.

## CASAS DE ESCOLAS

No ano de 1863, 13 anos depois da fundação de Blumenau, a Colônia ainda não tinha uma escola pública para meninas. Havia uma para meninos, que funcionava desde 1854. As muitas meninas em idade escolar, que



já existiam na Colônia, na sede, principalmente, frequentavam a escola do Pastor Hesse, ou aprendiam com professor particular. A êsse respeito, o Dr. Blumenau dirigiu ao Presidente da Província, Dr. Pedro Leitão da Cunha, em 16 de outubro daquele ano de 1863, o seguinte officio, muito interessante pelos dados que contém: "Ilmo. e Exmo. Sr. Em satisfação à ordem de V. Excia., constante do Aviso de 25 de junho, que trata da construção de casas de escola nesta Colônia, e cobriu o Aviso n.º 44, do Ministério da Agricultura, Diretoria de Terras Públicas, de 16 do mesmo mês, tenho a honra de informar, que o número de meninas em idade idônea para frequentarem a escola do seu sexo, só no pequeno distrito da Povoação desta Colônia, excede atualmente a 45, e que, existindo tal escola sob a direção de uma boa professôra, não há dúvida que regularmente será frequentada por 40 a 55 discipulas.

Ao mesmo tempo, tenho a honra de apresentar a V. Excia. a planta e o orçamento da casa para a mesma escola, pedindo respeitosamente a V. Excia. queira autorizar-me a principiar esta obra e dirigi-la de maneira tal, para que pouco mais ou menos duas terças partes das despesas respectivas corram no presente exercício financeiro, sendo o resto reservado para o ano financeiro próximo futuro, ou antes nêle despendido, e o edificio no mesmo ano pôsto pronto, se acaso V. Excia. não me puder conceder os necessários fundos para acabá-la ainda até o fim do corrente exercício.

Em todo caso será conveniente e até necessário para a solidez e boa execução desta casa, distribuir os concernentes trabalhos sôbre 2 a 2 e meio trimestres, comprando-se logo o necessário tabuado e armazendendo-o para que fique bem sêco, antes de ser lavrado.

Bem que a despesa não seja pequena, não vejo expediente algum para reduzi-la, sendo que é a mesma que aqui se gasta com casas particulares de iguais dimensões. E querer diminuir ainda estas já muito acanhadas dimensões, era tornar o edificio quase inútil para o fim a que é destinado. Se a professôra fôr casada e tiver familia, difícil lhe há de ser para se acomodar com elas nas pequenas localidades que esta casa apresenta. Para as casas de escola do distrito de Garcia, da Itoupava e do Rio do Têsto, as dimensões não devem ser menores, ou antes, deviam ser maiores, visto que o número dos discipulos de ambos os sexos ainda há de ser maior. Da despesa, porém, os colonos devem e podem carregar com boa parte, transportando materiais e prestando outros tais serviços. Sempre há de ser mais avultada pela maior dificuldade dos transportes e outros motivos, uma vez que se queira construir edificios que ofereçam o indispensável espaço e tenham duração e solidez.

Rogo, portanto, a V. Excia. queira autorizar-me para contribuir, por conta do govêrno, com um conto de réis (1:000\$000) para a construção de cada uma das referidas três escolas, distribuida esta quantia, se fôr assim necessário, sôbre o presente e o futuro exercícios, ou, se fôr possível, applicando-a por inteiro até o fim do corrente, e para chegar a assistência dos colonos interessados, a fim de que com a quantia concedida pelo govêrno e as dádivas e auxílios dos colonos, fique construida a cada um dos ditos distritos uma casa de escola sólida e espaçosa, que possa durar por tempo de algumas gerações, e em que os interessados possam manter aulas à sua custa. Deus guarde a V. Excia. Colônia Blumenau, 5 de outubro de 1863. O Diretor Dr. Hermann Blumenau.



## BRASÃO DA FAMÍLIA ODEBRECHT

A reprodução colorida que acompanha êste número dos "Cadernos" é cópia da última alteração, isto é, tal como se apresentava na segunda metade do século 18. No Brasil, Emil Odebrecht, imigrante de 1856 e de 1859, e seus sete filhos homens possuíram anel com o brasão em baixo relêvo, em pedra natural, fôska, de côr verde-oliva, e até servia para lacrar documentos. Dêsses anéis alguns se encontram que hoje com os respectivos herdeiros.

O mais antigo brasão da família Odebrecht, do qual se tem notícia, é o que se encontra apôsto no lacre do documento passado em 25 de julho de 1428, por Johann Odebrecht, e pelo qual vendeu ao govêrno de Meklenburg (a duqueza Catharina havia sido declarada maior para que pudesse assumir o govêrno), sua metade do feudo (Rittermässiges Gut) denominado "Heiliger Geisthagen". Por baixo do lacre se lê: S. Johann Odebrecht". A outra metade do feudo pertenceu à Heinrich Bück, cuja venda se processara em 1-XI-1428 ao mesmo govêrno.

O brasão do mencionado documento, segundo descrição de Lisch, é um escudo dividido obliquamente em duas partes, por cima se encontra a metade superior de uma águia e no triângulo inferior três corações. Brasão igual se encontra no lacre de outro documento de Meklenburg, datado em 12-VIII-1454.

No arquivo Lisch, em Schwerin, existe uma cópia em gêsso do brasão de 1429, bem como outra do brasão tal como se apresenta após a modernização levada a efeito no tempo da revolução francesa.

Com as diversas modernizações pelas quais passaram os brasões de um modo geral - alterações que nem sempre foram felizes em se considerando seu valor histórico e genealógico - as fortes asas da águia foram substituídas por chifres de búfalo e mesmo por probóscides (trompas), os corações foram transformados em estrêlas de seis pontas e mais tarde em três estrêlas de cinco pontas, de um modo geral recebeu enfeites e por último incluiu-se mais uma estrêla da qual duas pontas ligam as asas ou sejam as probóscides.

Em heráldica o coração é símbolo do amor, da caridade, do fervor religioso, da sinceridade habitual, da honra, da coragem e da liberdade. A estrêla indica a vitória, a esperança de sucesso em empreendimento arriscado, a luz nas trevas, a aspiração de coisas superiores e sublimes. A águia é o símbolo do poder, da vitória, da propriedade, do domínio; representa o gênio, o govêrno hereditário; é o símbolo da generosidade e liberdade porque, apesar de feroz, faz partícipes de sua prêsa as aves menores, também porque não procura vingar-se de animais inferiores. Cornos são símbolo de força e de tenacidade nos propósitos, de realza e dignidade; são o signo de fôrça e de poder, de riqueza e de dignidade soberana, ao qual a Bíblia faz freqüentemente alusões; alguns deuses, heróis e soberanos antigos são representados com chifres. Probóscides ou cornetas (servem comumente de cimeira aos escudos alemães) significam que o gentil homem compareceu pelo menos duas vêzes a torneios, onde suas armas foram suficientemente brasonadas.

Nota: os dados interpretativos do brasão foram obtidos na Revista Genealógica Latina, Vol. XII, ano 1960, e do Suplemento da mencionada revista, ano 1961, ambos de autoria do Cel. Salvador de Moya.

Colaboração do Dr. Rolf Odebrecht.



# REMINISCÊNCIAS

H. P. ZIMMERMANN

Gaspar, o meu encantador torrão natal, até o passado recente, foi um município essencialmente rural. Somente depois de 1920 lá começaram a surgir algumas indústrias. Hoje já são muitas e o seu número tende a crescer. Se, porém, considerarmos a transformação de produtos rurais como indústria, a industrialização do município começou há mais de cem anos. Logo após o início do povoamento do atual município de Gaspar, ali começaram a surgir engenhos para a fabricação de açúcar mascavo, os alambiques para a destilação de aguardente e os engenhos para a fabricação da farinha de mandioca. O seu número aumentou de tal forma, que poucas eram as propriedades rurais nas quais não se fabricavam açúcar, aguardente e farinha de mandioca, não apenas para o consumo local, mas também para a exportação. Duas casas comerciais havia na cidade, especializadas no armazenamento e na exportação desses produtos para outros Estados do Brasil, do Rio de Janeiro até o Rio Grande do Sul e até mesmo para o Uruguai e para a Argentina. Em volume de produção, predominava o açúcar mascavo, seguido de aguardente. Houve uma época, em que, em Gaspar, se contavam mais de seiscentos engenhos de açúcar e alambiques. Aliás, os alambiques sempre foram um complemento quase que necessário para a exploração econômica dos engenhos de açúcar, pois a sua matéria prima era quase que exclusivamente o melaço que escoava do açúcar que, depois de condensado, era pôsto em grandes recipientes de madeira de fundo perfurado, donde vertia o melaço

e escorria para os grandes côchos.

De comêço de Abril até o mês de Setembro, nos engenhos reinava febril atividade. Primeiro era a mandioca que era transformada em farinha; logo em seguida iniciava-se a moagem da cana de açúcar. Era uma temporada de atividade incessante, pois o trabalho dos colonos iniciava-se normalmente às quatro horas da manhã e só parava à noite. Mas era uma segura fonte de renda para todos que se entregavam a esta atividade, porque tanto o açúcar como a aguardente e a farinha de mandioca encontravam franca colocação nos mercados consumidores. Acresce, que a farinha de mandioca era complemento indispensável à alimentação diária dos colonos. Havia colonos, que fabricavam centenas de sacas de açúcar, milhares de litros de aguardente e, também, centenas de sacas de farinha de mandioca. Daí a prosperidade econômica da maioria dêles.

Os engenhos de açúcar e os de farinha de mandioca eram montados em grandes galpões de madeira, cujas alas laterais eram ampliadas por largas varandas, tudo fechado com paredes de tábuas. As volumosas moendas de cana eram movidas à tração animal, isto é, por bois adestrados para êste serviço. Para que não fontessem de tanto andar em roda, os seus olhos eram vedados com uma espécie de óculos confeccionados de finas lâminas flexíveis de taquara, o que dava aos animais um aspecto pitoresco. Em torno dos galpões ficavam as pastagens para o gado dos colonos. No tempo da moagem, o bagaço da cana era



amontoado ao lado do galpão e o gado deliciava-se em comê-lo sem parar.

Quem, na época da moagem, percorria a zona rural, podia ver sair dos telhados dos engenhos grossos rolos de vapor que se levantava dos grandes tachos de cobre em que se fervia o caldo de cana, até que se condensasse em açúcar. Nos tempos da fabricação de farinha de mandioca, os telhados dos galpões se cobriam de uma fina camada de polvilho, que saía das fornalhas em que se torrava a farinha. Pareciam, então, os velhos e enegrecidos engenhos, donzelas vaidosas que abusavam do uso do pó de arroz...

Para nós, a meninada, o tempo da moagem de cana era sempre uma temporada muito agradável, porque então podíamos beber garapa à vontade. Havia alguns que, às escondidas, também experimentavam aquilo que o colonos chamavam "mãe com filha", isto é, caldo de cana quente misturado com aguardente. Os resultados, na maioria das vezes, quando isto acontecia, eram simplesmente desastrosos para esses projetos de homens e quase sempre eles acabavam o dia dormindo num canto do engenho. Mas, diga-se a bem da verdade, poucos eram os colonos que permitiam aos rapazinhos beber "mãe com filha" e chegavam a zangar-sèriamente quando lhes pediam esta mistura perigosa, mas tão saborosa.

Outro motivo que nos atraía aos engenhos, era a oportunidade que se nos oferecia para lamber açúcar quente, quando este era pôsto em grandes côchos para esfriar. Na superfície da massa formava-se uma espécie de puxa-puxa, muito mais gostosa do que o melado. Comíamos até fartar, sem que os colonos a isto fizessem a

menor objeção.

Aqueles tempos eram diferentes dos atuais. Nenhum colono, fabricante de açúcar, deixava de dar melado às famílias amigas. Sempre havia à beira dos tachos em que se fervia o açúcar, vasilhas de todos os formatos para serem enchidas com melado. Não cobravam o melado e costumavam dizer: "Se quiserem mais, venham buscar..." Hoje, quando vejo vender melado nos supermercados e nas mercearias em pequenos vidros ou garrafas a preço assustadoramente elevado, lembro-me com saudades daqueles tempos, quando os colonos davam o melado de graça às famílias amigas. E, nem por isso caíram na miséria, nem isto lhes diminuía a prosperidade.

Outra atração nos engenhos de açúcar, eram as saborosas rapaduras que os colonos costumavam fazer. Quando lhes misturavam gengibre, eram uma verdadeira delícia. Ouso afirmar, que os meninos dos nossos dias que mastigam chicletes sem parar, trocariam essa goma sem sabor e até certo ponto asquerosa, por um pedaço de rapadura dos engenhos, se o tivessem a seu alcance.

Já disse, que o dia de trabalho do colono, no tempo da moagem, normalmente, começava às quatro horas da manhã. Moiam cana e iniciavam a fervura do caldo; à tarde cortavam cana e a conduziam aos engenhos. Frequentemente, ainda noite a dentro moiam cana para o dia seguinte e destilavam o aguardente. Certa feita, um grupo de trocistas, dos muitos que havia em nossa localidade, soube, que o despertador de um colono, cujo engenho ficava bem perto da cidade, se estragara e que tinha sido levado ao relojoeiro para conserto. Souberam também, que o colono chamava



seus filhos, quando o galo do terreiro começava a cantar, para iniciar o trabalho. Logo decidiram aproveitar-se desta situação passageira, para pregar uma peça ao colono. À meia noite, aproximaram-se do engenho e um deles, exímio imitador do canto do galo, pôs-se a cantar. Não demorou e o colono com seus filhos iniciaram as lides no engenho. Com o correr das horas, muito se admiraram de não clarear a dia. Só bastante mais tarde conheceram a motivo, porque naquele dia, o sol tanto custara a nascer. Assim mesmo, o homem que cantava como galo, quase levou umas boas bofetadas de um dos filhos do colono.

No tempo da "farinhada" também havia cousas boas, que atraíam os meninos de meu tempo aos engenhos. Era então o tempo em que se faziam os gostosos beijús de farinha de mandioca. Havia os salgados e os doces, ambos de sabor muito agradável, além de nutritivos. Quando chegávamos num engenho onde estavam fazendo beijús, podíamos comer quantos quizéssemos, mas também eram feitos por encomenda, em maior quantidade, que as famílias costumavam comprar e guardar em recipientes bem fechados, para o consumo da casa. Como eram gostosos, êsses beijús! Derretiam na bôca, eram um suplemento bom para um café com leite e... custavam tão pouco..

Os tempos, porém, mudaram e os costumes também. Os numerosos engenhos de açúcar deram lugar às grandes usinas e já ninguém mais gosta do sabor do açúcar mascavo, claro, loiro como ouro. Na opinião dos médicos e dos nutricionistas, é êle o açúcar mais saudável para o organismo humano. A garapa das usinas, também não é a mesma como a dos engenhos; não tem o mesmo sabor

agradável, a mesma doçura macia... E, as usinas não fazem rapaduras e não distribuem melado... É o preço que se paga pela civilização que vivemos e que tanto transformou os nossos hábitos e os nossos costumes e nem sempre êstes são tão agradáveis, como eram os de então, nem sempre são tão saudios como aquêles e custam muito mais caro do que os daqueles tempos.

Com o desaparecimento dos engenhos de açúcar e os de farinha, quer me parecer, que algo de muito romântico desapareceu também, algo que dava à minha terra um cunho todo especial, de prosperidade e de bem-estar comum. Quer me parecer também que, naqueles tempos, os colonos viviam mais felizes, embora o seu trabalho fôsse muito rude e cansativo. Quer me parecer também, que com o desaparecimento dos velhos engenhos, os colonos perderam o estímulo para plantar cana na mesma grande escala, como antes o faziam.

Não convêm, porém, pensar muito nisto, se não quizermos nos emaranhar no cipocal interminável das deduções sociológicas. O tempo marcha incessantemente e as suas pesadas pegadas encobrem o que ontem nos foi caro. Ah! Os engenhos de meu tempo de infância...

Tenho um velho amigo, com quem gosto de recordar nosso tempo de infância. Após uma série de divagações sobre o passado, êle gosta de arrematar as suas considerações com esta frase lapidar: "Como eram bons, aqueles tempos! Esta civilização moderna é uma droga: Onde estão as cousas boas, que então tínhamos?" E, outro homem daqueles tempos, jornalista, quando descreve as cousas vividas em tempos passados, costuma arrematar as suas recordações sobre a mutação dos tempos, com estas palavras: "São cousas da vida..."



# OS TRABALHOS DE FRITZ MÜLLER

Charles Darwin, o conhecido sábio inglês, fêz publicar na revista "Nature" (Vol. XIX, pag. 462 a 464, em 1879) o seguinte artigo, baseado em carta que lhe escrevera, de Blumenau, o Dr. Fritz Müller:

Alguns dos fatos expostos por Fritz Müller na carta seguinte, principalmente os constantes do terceiro item, parecem-me muito interessantes. Muitas pessoas sentiram-se admiradas diante das etapas, ou meios, pelos quais estruturas tornadas de nenhum uso, sob determinadas condições de vida, primeiramente se reduzem para, afinal, desaparecerem completamente.



Foi assim que Fritz Müller viu a rã que carregava sobre as costas os próprios ovos. Hoje, êsse fato é bem conhecido dos naturalistas, mas, no tempo do sábio blumenauense, o caso era pouco estudado

segura afirmativa, além de simples especulação. Entretanto, tanto quanto me é dado julgar, a explanação feita por Fritz Müller merece tôda consideração daqueles que estão interessados nesse tema e pode mostrar-se de aplicação muito ampla.

Difícilmente, alguém que levar em consideração casos como o das franjas que, ocasionalmente, aparecem nas pernas e até nos corpos de cavalos e de macacos, ou o do desenvolvimento de certos músculos no homem, que lhe são estranhos, mas muito comuns nos quadumanos, ou ainda o de certas flôres anômalas duvidará que características desaparecidas através um número ilimitado de gerações, possam, repentinamente, reaparecer.

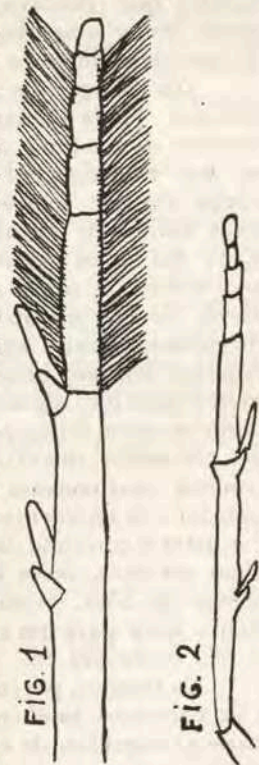
No caso das espécies naturais, estamos muito acostumados ao emprêgo do termo reversão, ou atavismo, aplicado ao reaparecimento de uma determinada parte que, facilmente, esquecemos que tal desaparecimento possa ser, igualmente, devido à mesma causa.

Como tôdas as modificações, devidas ou não à reversão, possam ser consideradas como um caso de variação, pode bem aqui ser empregada a importante lei, ou conclusão, a que chegou o matemático Delbecf e eu anotarei aqui asserção que Mr. Murphy condensou nas seguintes palavras ("Hábito

Ainda não foi publicado exemplo mais notável de tal desaparecimento do que o que Fritz Müller aqui apresenta. Há diversos anos atrás, foram publicados nas páginas de "Nature", alguns notáveis artigos sôbre êsse assunto por Romanes (juntamente com um de minha autoria).

Depois disso, vários fatos levaram-me a meditar na existência de alguma tendência inerente à cada parte de cada organismo destinado á gradual redução até o desaparecimento total, desde que não obstado por qualquer modo.

Mas, nunca pude chegar a uma



A figura 2 representa a tíbia e tarso de dois pares de pernas da crisáida de uma espécie de leptocerídeas que habitam as bromélias. A figura 1 representa os mesmos tíbia e tarso de uma espécie aliada, que habita riachos.



e Inteligência". 1879, pag 241) a respeito do assunto: "Se numa determinada espécie, certo número de indivíduos, portadores de uma "ratio" não infinitamente pequena em relação ao número total de nascimentos, em cada geração nasce com uma particular variação, a qual nem beneficia, nem causa danos aos respectivos portadores, e, se o efeito da variação não é neutralizado pela reversão, a proporção da nova variedade, em relação à forma original, aumentará constantemente até se aproximar, de forma indefinida, à igualdade".

Agora, no caso proposto por Fritz Müller, supõe-se que a causa da variação seja o atavismo a um progenitor muito remoto, e isso pode prevalecer, perfeitamente, sobre qualquer tendência de atavismo a progenitores mais recentes. E a prevalecer isso, outros exemplos poderão ser apresentados.

Agora a carta de Fritz Müller: "Meu caro senhor. Se bem me lembro, eu já lhe falei de uma curiosa fauna que pode ser encontrada entre as tôlhas de nossas bromélias. Últimamente, eu encontrei, numa planta dessas de grandes dimensões, uma pequena rã (*Hylodes?*), que carregava os próprios ovos nas costas. Os ovos eram bem grandes, de forma que apenas nove dêles cobriam tôla a extensão dos ombros até o extremo das costas, como o senhor poderá verificar pela fotografia que acompanha esta carta. (O pequeno animal estava tão inquieto, que somente depois de muitas tentativas infrutíferas, conseguiu-se obter uma fotografia razoável). Os gerinos, ao saírem dos ovos, já vêm providos de pernas trazeiras; e um que consegui conservar vivo por quinze dias já mostrava também as pernas dianteiras. Durante êsse tempo, não observei sinais de brânquias externas nem de outra abertura que pudesse levar a brânquias internas.

Aqui há outro local no qual vive uma fauna peculiar, isto é, as pedras das cachoeiras, muito comuns em quase todos os ribeirãoes que descem das montanhas. Nessas pedras, entre as quais a água escorre lentamente, ou que permanecem constantemente úmidas pelos respingos das cascatas, vivem bezouros variados, que não são encontrados em outras partes, larvas de insetos dípteros, frigânias e um gerino notável pela cauda de tamanho fora do comum.

As crisálidas das frigânias que vivem nas pedras das cachoeiras (eu examinei três espécies pertencentes às hidropsíquidas, hidroptílicas e sericostomidas, assim como as que vivem nas bromélias (uma espécie pertencente às leptoceridas) distinguem-se por um todo muito interessante. Em outras frigânias os pés do segundo par de pernas (e em algumas espécies também os do primeiro par) estão franjados de longos pêlos nas crisálidas e que servem a estas, ao deixarem o casulo, para nadarem até a superfície das águas, para a sua final transformação. Entretanto, nem na superfície das pedras lisas, ou nas cobertas de musgo e nem no estreito espaço entre as fôlhas das bromélias, não tendo as crisálidas necessidade de nadar, nem sendo capazes disso, as quatro espécies que examinei, de diferentes famílias vivendo em tais locais, têm os pés completamente sem pêlos, ou quase; enquanto que em espécies congêneres das mesmas famílias e até do mesmo gênero (*Helicópsique*) têm franjas muito desenvolvidas, próprias para nadar, nas pernas.

Essa atrofia das franjas que não têm uso nas frigânias que vivem nas bromélias e nas cascatas, parece-me de considerável interesse, porque não pode ser considerada, como em muitos outros casos, como uma consequência direta do desuso, pois, ao tempo em que a crisálida deixa o casulo e quando as franjas dos seus pés estão demonstrando nem serem úteis, nem inúteis, essas franjas, assim como todo o invólucro, próximo a ser quebrado, da crisálida, não têm nenhuma conexão com o corpo do inseto; é portanto impossível que



a circunstância de que as franjas das pernas, sendo ou não apropriadas para nadar, tenham alguma influência em que elas venham ou não a desenvolver-se nos descendentes dêsses insetos.

Tanto quanto me foi dado observar, as franjas, embora sem uso não prejudicariam as espécies que as perderam e o material economizado pelo seu não aparecimento parece muitíssimo insignificante, de sorte que a seleção natural dificilmente representaria qualquer papel nesse caso. As franjas poderiam ter desaparecido casualmente em alguns indivíduos; mas, sem a seleção, essa variação casual não teria chance de prevalecer. Deve haver uma causa constante que conduza a essa rápida eliminação das franjas das pernas das crisálidas em tôdas as espécies nas quais essas franjas se tornaram desnecessárias, e eu penso que isso possa ser atavismo. Pois, no que concerne às frigânias descendem de ancestrais que não vivem n'água, e as crisálidas dos quais não são dotadas de franjas nos seus pés. Por conseguinte deve existir agora em tôdas as frigânias uma tendência ancestral para o aparecimento, nas crisálidas, de pernas desprovidas de pêlos, cuja tendência, nas espécies comuns, é neutralizado vitoriosamente pela seleção natural, pois qualquer crisálida, incapaz de nadar, estaria impiedosamente condenada. Mas, desde que o nadar se torna desnecessário e, consequentemente as franjas passam a não ter nenhum uso, essa tendência ancestral, não neutralizada pela seleção natural, prevalece e conduz ao desaparecimento das franjas.

Não me recordo de ter visto em alguma relação de plantas cleistógamas, as podostemonáceas. Estas curiosas plantas aquáticas, que Lindley coloca próximas às piperáceas, Kunth junto às juncáceas e as alimataáceas e que Sacha considera serem de duvidosa afinidade, cobrem densamente as pedras das corredeiras dos nossos rios. Nos ramos que ficam sôbre a superfície das águas há, em pendúnculos, flôres abertas, férteis; mas há, também, numerosos botões de flôres sésseis, igualmente em ramos que, provavelmente, permarecem seguidamente submersos. Eu ainda não me certifiquei se essas flôres submersas são férteis; se êsse fôr o caso, difficilmente elas poderão ser cleistógamas.

Blumenau, S. Catarina, Brasil, 21 de janeiro de 1879. Fritz Müller. >

---

— BLUMENAU EM CADERNOS —

*Fundação e direção de J. Ferreira da Silva*

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

— Assinaturas: por Tomo (12 números) NCr. \$ 5,00 —

Redação e Administração: Alamêda Duque de Caxias, 64

**Caixa Postal, 425 — BLUMENAU — Santa Catarina - Brasil**



# COMBATE DO MORRO DO AIPIM

Os que têm acompanhado a vida desta publicação, devem ter notado que, por mais de uma vez, temos tratado de fatos relacionados com a revolução de 1893, neste Município. Aliás, Blumenau foi um dos fatores decisivos, senão o mais decisivo, desse movimento em Santa Catarina. Foi, sem dúvida alguma, a intervenção dos blumenauenses que pôs fim, no Estado, à aventura federalista. E, tratando do assunto, já demos publicidade aos trabalhos de José e Fides Deeke, testemunhas que participaram dos acontecimentos e que nos deixaram deles interessantes relatos. Entre os muitos episódios ligados à atuação blumenauense no movimento florianista, sobressai o chamado "Combate do Morro do Aipim" a que aquêles e outros autores, como Curt Hering, Gertudes Gross-Hering e outros fizeram referência em várias oportunidades.

No artigo "Um Retrospecto", Gertrudes Gross-Hering publicou interessantes pormenores daquele combate no Tomo III, pags. 172 a 174, desta revista.

Mas, nem por ter sido já repetido, por mais de uma vez, nestas páginas, o assunto perde em interesse e propriedade. Por isso, vamos traduzir o que o principal jornal da época, o "Blumenauer-Zeitung", publicou já no dia seguinte ao do combate, ou seja, no sábado, dia 29 de julho de 1893.

Após publicar o Manifesto que, a 22 dos mesmos mês e ano, o Dr. Hercílio Pedro da Luz, ao ser proclamado, pela Câmara Municipal de Blumenau, Governador do Estado de Santa Catarina, dirigiu ao povo catarinense, o citado jornal prossegue:

"Depois que se tornou conhecido que a Guarda Cívica local deveria transportar-se para Destêrro, tão logo fôsse possível, correu a notícia aqui, na noite de segunda-feira, que em Itajaí, onde já se encontrava um regular contingente da polícia, reuniram-se muitos chefes federalistas, os quais aguardavam reforços para, então, em numeroso grupo, virem sôbre Blumenau. Fôra dito a diversas pessoas que não se deixaria pedra sôbre pedra em Blumenau e que se daria, de uma vez por tôdas, uma boa lição aos blumenauenses. Entre os chefes federalistas, que organizaram a invasão de Blumenau, encontram-se, entre outros, Elesbão Pinto da Luz e Leopoldo Engelke que, em primeiro lugar, respondem pelo que depois aconteceu.

Depois da partida da Guarda Cívica, composta de 160 homens, pensaram aqueles senhores que seria uma brincadeira a tomada de Blumenau pela força.

Na quinta-feira, dia 27, chegou de Itajaí a notícia de que um trôço da Polícia, composto de mais de 200 homens, iniciara a marcha em direção a Brusque, mas pensou-se que isso não era mais que uma manobra para confundir os blumenauenses. Mas, mesmo assim, tomaram-se aqui tôdas as providências necessárias para impedir a entrada da polícia e proteger o Município dos atos de vandalismo por ela prometidos. O esforço comum nesse sentido perdera o caráter político-partidário, pois, ambas as facções concientizaram-se do perigo que nos ameaçava a todos se os policiais, em número de mais de 200, puzessem pé em Blumenau e aqui se firmassem. Assim, todos se uniram para proteger o Município da invasão. Na sexta-feira de manhã, chegou um próprio com a notícia de que a Polícia havia deixado o lugar Barracão, en-



caminhando-se para Blumenau. Porém, como até as duas horas da tarde não se tivessem outras notícias a respeito, foram mandados espias, que, entretanto, não regressaram, mas haviam encontrado o grupo de policiais em Belchior.

Pelas três horas da tarde, o nosso posto avançado levantou a bandeira branca, sinal combinado de que a polícia estava à vista. Uma hora mais tarde, todo o corpo de tropa (a infantaria vinha sendo empurrada pela cavalaria) chegava às imediações da Ponte Wloch e quando chegou a uma distância de uns 400 passos da nossa gente, a infantaria abriu fogo que foi logo respondido pelos nossos, apesar da distância relativamente grande. Depois de um cerrado combate, uma parte da infantaria tentou desalojar-nos do morro em que nos achávamos, mas foi, por um dos nossos flancos, tão duramente castigada que, depois de um curto tiroteio (todo o combate não durou mais de meia hora) abandonou o campo e pôs-se em fuga. Apenas o comandante da cavalaria (desta, apenas dois homens, o comandante e o cabo entraram em fogo) tentou ainda um último esforço, acreditando poder pôr-nos em fuga, disparando muitos tiros de armas de repetição. Seus esforços, porém, foram baldados. Nem um único dos tiros disparados pela polícia - e foram mais de mil - atingira a trincheira em que os nossos homens se achavam e foi com hurras! que os mesmos deram a conhecer ao comandante ser êste um excelente cavaleiro, mas péssimo atirador. Por fim êle abandonou a tentativa e pôs-se em fuga com o restante da sua tropa e o cavalo ferido.

Da parte da nossa população, tomaram parte no combate cêrca de 70 pessoas; a maior parte delas, com armas de carregar pelo cano, teve que ficar fora de ação, pois as suas espingardas não tinham alcance suficiente.

Deve-se destacar que o corajoso Elesbão que, de espada em punho, incentivava uma parte da infantaria, foi o primeiro que deu às canelas.

Os policiais tiveram dois mortos, 9 feridos mais ou menos gravemente, assim como 20 feridos levemente. Perdeu, igualmente, o cavalo do cabo da Cavalaria, contando-se êsse mesmo graduado entre os gravemente feridos. Nós apreendemos 9 carabinas "comblains", grande número de baionetas, muita munição e fizemos um prisioneiro sem que de nossa parte tivéssemos um único ferido.

Elesbão retirou-se com a polícia para Gaspar e pretende reunir novos elementos para tentar um novo ataque. Mas os policiais que bem viram ter sido êle o primeiro a empreender a fuga, não quizeram saber de mais nada, e desertaram em massa; segundo se diz, ficaram êles reduzidos a 80 homens.

É com grande reconhecimento que se deve salientar a atuação daqueles quer durante a defesa, em número extraordinário, não pouparam sacrifícios fornecendo alimentos, bebidas, munição, etc. e, assim, concorreram para estimular e sustentar os combatentes. Sinceros agradecimentos a todos aqueles que, por essa forma, tanto se destacaram".

Enquanto êsses fatos ocorriam em Blumenau, a 28 de julho, a 30 do mesmo mês, em Destêrro, capital do Estado, os blumenauenses, formando a chamada Guarda Cívica, composta, como vimos, de 160 homens, atacavam o palácio do govêrno, depondo o governador Eliseu Guilherme da Silva empossando, nesse cargo, o Dr. Hercílio Pedro da Luz, que a Câmara Municipal de Blumenau, em memorável sessão de 22 de julho, proclamara governador de Santa Catarina.



# O Novo Prédio dos Correios e Telègrafos

Com o findar de janeiro dêste ano, os serviços da Agência Postal-Telegrática desta cidade, deixaram o tradicional prédio da Alameda Rio Branco para serem instalados na nova e confortável sede, junto à Estação Rodoviária.

O fato não merece, apenas, uma ligeira referência nos jornais do dia, nem o simples registro das cerimônias da inauguração, com discursos e visitas às novas instalações, sem dúvida alguma das mais modernas e aparatosas, inclusive aos novos serviços de Telex.

É que o prédio que, agora, deixa de abrigar a repartição que, durante mais de quarenta anos, ali serviu ao público blumenauense, já se constituiu numa tradição, rica de detalhes históricos, de circunstâncias que despertam saudades e ternas recordações.

Realmente, construído no terreno em que, durante muitos anos, esteve a primeira escola do sexo feminino da Vila de Blumenau aquele prédio tem a sua história. Uma história que honra os blumenauenses, que destaca e auréola de nobreza e de civismo alguns de seus filhos que, pelo seu acendrado amor à Comuna, podem bem servir de exemplo aos que têm sobre os ombros, nos dias atuais, a tarefa de administrar o Município e a cidade.

Até 1927, os correios e o telégrafo desta cidade, funcionavam em prédios separados e muito distantes um do outro. Os correios ficavam na velha casa que fôra de Heinrich Kuehne, no começo da rua 15 de novembro, onde fica, atualmente, o Bar Gebara. O telégrafo funcionava em sala da residência do seu encarregado, Luiz Silveira da Veiga, em casa que ainda existe, ao lado do Colégio "Santo Antônio". A distância entre uma e outra repartição era de cerca de um quilômetro. As instalações, tanto de uma, como de outra, dessas repartições, eram acanhadas e as dos correios, então, estavam abaixo de qualquer crítica. Casa das mais antigas da cidade, de cômodos exíguos e baixos, serviam ainda de morada ao agente postal que, na ocasião, era o Sr. Paulo Eberhard.

Os transtornos que essa situação causava ao comércio e ao público eram enormes. Blumenau vinha tendo, já naquela época, o impulso desenvolvimentista que se foi acentuando e vem se avolumando, cada vez mais, nos dias que correm. As deficiências em meios de comunicação tão importantes dificultavam, assim, as transações e as trocas de notícias de que as classes produtoras e mesmo os particulares não podiam prescindir.

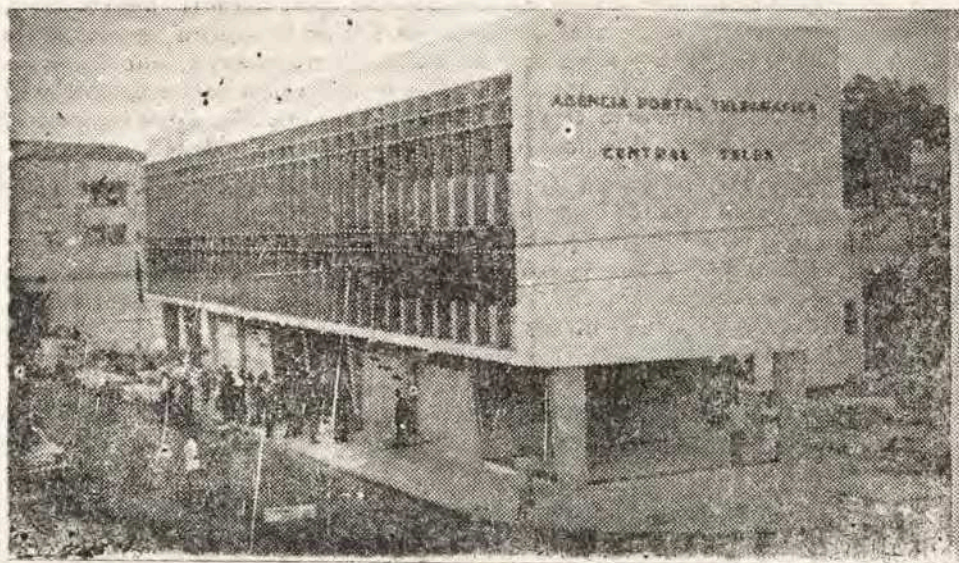
Governava o município, naquela ocasião, o saudoso Curt Hering. Homem de larga visão, mas cauteloso e prudente, procurou, primeiramente, solucionar o grave problema junto às autoridades estaduais e federais.

Não o conseguindo, apesar do seu amplo prestígio, resolveu êle mesmo mandar construir, por sua conta, um prédio em que pudessem ser abrigadas, convenientemente, as duas importantes repartições. Havia, porém, a questão de encontrar um terreno, perfeitamente acessível, em ponto central da cidade. O estado possuía, na Alameda Rio Branco, um terreno nessas condições, terreno êsse em que fôra, em 1864 construído um prédio de enxaimel, para a Escola Pública para meninas, criada por ato de 30 de agosto do ano seguinte, ocasião em que foi nomeada, para reger essa escola, a senhora Cris-



tina Otília Apolônia von Buettner. A escola funcionou, ali, até 1913 sob a regência da mesma professora até a sua aposentadoria em 1894 e, desse ano até a sua extinção, sob a direção de Margarida Freygang.

O estado vendeu, então, essa propriedade, ao sr. Curt Hering. O engenheiro Felipe Buendgens, da Diretoria de Obras Públicas do Estado, organizou as respectivas plantas e os trabalhos de construção foram confiados ao construtor Jacob Brueckheimer. Destinado ao fim específico de abrigar os serviços postais-telegráficos, o prédio foi construído com as peças indispensáveis a cada repartição, ficando os serviços de correios e a taxa de telegramas no andar térreo, a sala de aparelhos telegráficos e a residência do Agente no primeiro andar. Mediante um aluguel módico o prédio foi locado ao governo federal. Até hoje, com as correções monetárias e aumentos no decorrer dos anos, esse aluguel foi de Ncr\$ 21,00 mensais. Aluguel, como se vê, apenas simbólico.



Pela beleza de seu estilo arquitetônico, pelo seu equipamento moderno, pela amplitude e comodidade das peças que o integram, o novo prédio dos Correios e Telégrafo de Blumenau está à altura do progresso e do desenvolvimento extraordinário que vem tendo a nossa cidade.

Blumenau ganha, com esse prédio, mais um melhoramento que, há muito já vinha sendo esperado.

Mas as coisas não se passaram com as facilidades que se possam imaginar numa transação das mais limpas e lisas. Os governos, por mais honestes e dignos que sejam, por melhor que empreguem a arrecadação dos cofres públicos, têm sempre, gravitando-lhes em derredor, os farejadores de escândalos, críticos apressados e injustos. Curt Hering não escapou a isso. Em 1927, com a posse de Washington Luiz na Presidência da República no ano anterior, começavam a se amontoar nos horizontes políticos do país as nuvens que desencadeariam a revolução de 1930. E, como se aconter em tais



oportunidades, surgiram os descontentamentos e as incompreensões, as suspeitas e as acusações, na maioria injustas, contra uma situação político-administrativa que vinha se mantendo desde a vitória de Floriano sobre o levante federalista de 1803. Isso além das pequenas insurreições que fora mas preocupações dos governos Hermes e Bernardes.

E quando se deu a vitória revolucionária de 30, os líderes da Aliança Libertadora nos vários municípios, apossando-se dos governos regionais, quase sempre com boatos e telefonemas alarmantes, tiveram, por primeira preocupação, vasculhar a vida administrativa dos dirigentes que caíram. Blumenau não foi exceção. Criou-se uma Comissão de Sindicância e as contas e negócios do município foram revirados e remexidos a cata de supostos deslizos e desonestidades. A desilusão foi completa. A pecha que se poderia assacar contra os decaídos foi a de que eles tinham sido escrupulosos demais no emprêgo dos dinheiros públicos.

Entretanto, na capital do Estado, verificou-se que a venda do terreno da escola, para a construção do prédio dos Correios, havia sido feita sem concorrência pública. Um escândalo: Ameaças de anulação da escritura e outras abateram o espírito de Curt Hering, deixaram-no desolado. Todo o entusiasmo com que se prontificara em vir ao encontro do governo federal para a solução de um problema de premente urgência, se transformara na tristeza e na amargura dos desiludidos.

Felizmente para êle e para Blumenau, na Interventoria Federal assentara-se um homem que, embora adversário político ferrenho, não deixara nunca de ser um homem justo. Nereu Ramos fêz publicar editais de concorrência pública de venda do terreno da Escola, sobre o qual, desde dezembro de 1927, já se achavam instalados, no imponente prédio, os serviços postais telegráficos. Curt Hering teve que arrematar novamente o terreno, sanando, assim, a falha apontada.

E, desde então, embelezando a cidade, cumprindo galhardamente o seu dever de bem servir o público, a antiga Agência Postal-telegráfica de Blumenau, nesses 68 anos, veio assistindo o desenvolvimento da cidade, acompanhando o extraordinário progresso da comuna blumenauense, concorrendo para que êsse progresso se acentuasse em todos os ramos de atividade econômica e cultural.

A atual Agência Postal-Telegráfica é também fruto do interesse, do despreendimento, do civismo das autoridades federais e municipais. Visando, juntas, dar à nossa cidade um serviço de correios e telégrafos à altura do desenvolvimento que Blumenau alcançou, essas autoridades não pouparam esforços e sacrifícios, superando todos os entraves que se antepuseram à concretização da iniciativa, numa estreita e louvável cooperação

Que o reconhecimento e a gratidão dos blumenauenses guardem, nas páginas da história, os nomes de quantos colaboraram nesse esforço patriótico, nessa iniciativa que, por sem dúvida, marca o início de uma nova era de progressos e de realizações para todo o Vale do Itajaí.



# A ESTRADA BLUMENAU-CURITIBANOS

O clichê que ilustra as páginas dêste "Caderno" é o do mapa da região percorrida pelas três expedições do engenheiro Emílio Odebrecht, levadas a efeito no propósito de encontrar o melhor traçado para a estrada entre a então Colônia Blumenau e o planalto de Curitiba e Lajes, além da Serra Geral.

A primeira dessas expedições, verificou-se de 14 de janeiro a 21 de fevereiro de 1863, quando se fez a exploração, em canoas, do Rio Itajaí Açu, até acima do Salto do Pilão. Daí, devido à falta de mantimentos e doenças nos seus componentes, a expedição foi obrigada a retornar à sede da Colônia Blumenau.

A segunda expedição, empreendida, desta vez, por Odebrecht acompanhado do engenheiro Heinrich Keplin, em maio de 1864 chegou até para além de Rio do Sul.

A terceira expedição foi levada a efeito pelo engenheiro Odebrecht em 1867, desta vez em sentido contrário, isto é, não subindo o Itajaí Açu, mas, indo por terra até Lajes e Curitiba em lombo de burro e dali descendo, a pé, pelos vales dos rios do Oeste e do Itajaí Açu até a sede da Colônia Blumenau.

Os pormenores dessas três expedições vêm relatados no artigo do Dr. Rolf Odebrecht, publicado no número anterior dêstes "Cadernos". Tão logo disponhamos de espaço suficiente, daremos à publicidade o "Diário" em que Emílio Odebrecht registrou, dia a dia, as ocorrências verificadas na primeira dessas expedições.

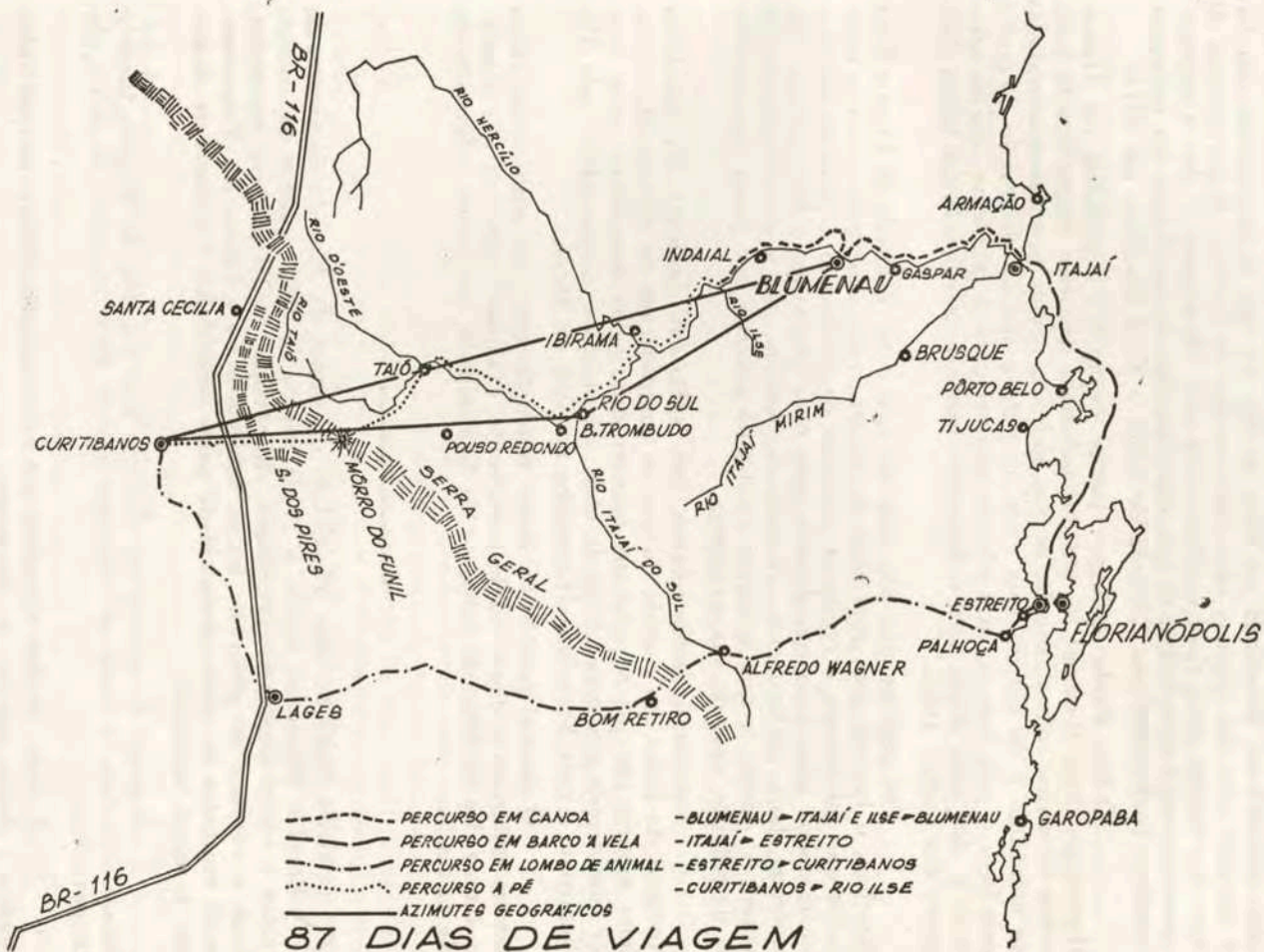
É preciso que se note que, antes dessas explorações do Engenheiro Odebrecht, o Capitão Pinto desceu, com 25 homens, da Colônia Militar Santa Teresa, o rio do Sul, parte de canoa e parte a pé, até o seu entrocamento com o Rio do Oeste e, depois, caminhando pela margem direita do Itajaí Açu, veio ter, em 1857, à sede da Colônia Blumenau. O capitão Pinto, que era comandante do Corpo de Batedores de Mato da Província, e os seus homens, foram, assim, os primeiros homens brancos, de que nós temos notícia, a porem pé nas terras do atual município de Rio do Sul e da sua sede.

O mapa que reproduzimos nesta edição, dá bem uma idéia do que foi preciso dispendir, em esforços, abnegação, sacrifícios e renúncias por parte de Odebrecht e de seus acompanhantes, dados os obstáculos que tiveram que vencer atravessando uma região de florestas virgens, quase impenetráveis, de vegetação luxuriante, habitada, apenas, pelas feras e pelos botocudos nada cordiais.

A legenda constante do mapa, explica claramente os trajetos das três expedições de Odebrecht e os meios de transportes usados, de forma a poupar-nos maiores detalhes sobre o assunto.



Insurreções do engenheiro Emílio Odebrecht no Vale do Itajaí, para explorar um caminho entre Blumenau e Curitibaanos.





# JUSTIÇA A UM BENEMÉRITO

Sempre que nos é dada oportunidade, procuramos trazer, para estas páginas, o que se tem escrito sobre os primitivos habitantes das florestas do Vale do Itajaí, anteriormente e nos primeiros anos da sua colonização. Com isso, cremos estar prestando um bom serviço aos que se propuzeram, um dia, a escrever uma das páginas mais interessantes da história do povoamento de uma das regiões mais ricas e prósperas do país. No número 2, dos "Cadernos" apresentamos a contribuição de um contemporâneo da pacificação dos indígenas, levada a bom termo por Eduardo de Lima e Silva Hoerhan, em 1914.

O Dr. Paulo Aldinger, pastor evangélico e professor em Hansa-Hammônia (hoje Ibirama) foi um dos paladinos da causa da pacificação pelos meios suasórios, ao contrário dos muitos, incluídas nestes as maiores autoridades do município e do Estado, que viam na pura e simples destruição do gentio pelo ferro e pelo fogo, a única solução possível para o problema, que se apresentava dos mais sérios para o desenvolvimento da colonização das terras marginais dos quatro Itajaí.

Por motivos que não vêm ao caso citar, Eduardo de Lima e Silva Hoerhan, o homem que, com risco da própria vida, conseguiu trazer os botocudos que infestavam a região ao convívio da civilização e, durante muitos e amargurados anos, veio consolidando essa obra patriótica e humanitária, encontra-se, hoje, praticamente, abandonado, lutando com sérias dificuldades financeiras, doente e sem qualquer auxílio do govêrno que possa amenizar-lhe os derradeiros anos de sua existência.

Lançamos, destas colunas, um apêlo aos dirigentes da Fundação Nacional do Índio, no sentido de que se compadeçam da situação de verdadeira miséria em que se acha um homem que, pelos seus feitos, pode bem ser considerado um benemérito da obra colonizadora empreendida pelo Dr. Blumenau e pela Sociedade Hanseática no Vale do Itajaí.

O general presidente dessa fundação, que nós conhecemos como homem criterioso e digno, há de, certamente, examinar o nosso apêlo e atendê-lo dentro das medidas da justiça e da humanidade, predicados relevantes da sua formação.

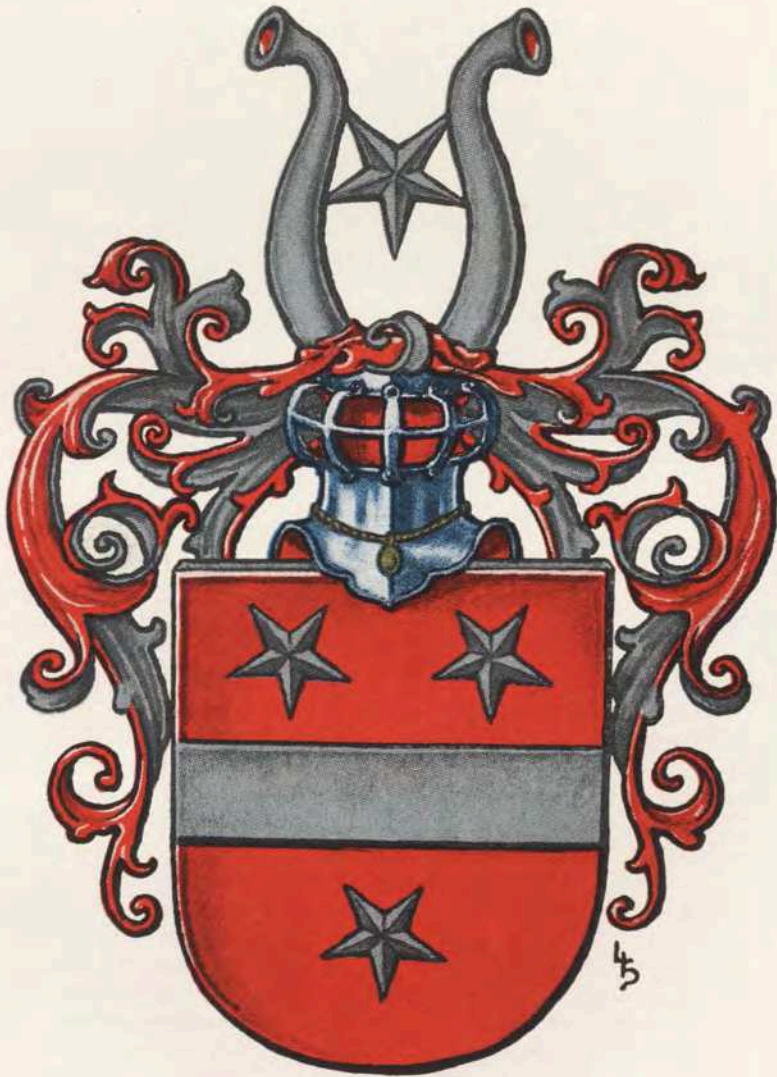
---

A primeira visita de uma oficialidade de navios da Marinha de Guerra do Brasil a Blumenau deu-se a 25 de março de 1909, quando os comandantes e vários oficiais dos cruzadores «República» e «Tiradentes», ancorados, desde a véspera, no pôrto de Itajaí, subiram o rio a bordo do «Progresso», sendo recebidos no pôrto desta cidade pelas autoridades e pessoas de destaque da nossa sociedade.

O grupo de oficiais era chefiado pelo Capitão de Fragata Castelo Branco. Durante a tarde os visitantes fizeram uma excursão, de carro, até Itoupava-Sêca.

À noite, foi-lhes oferecido um baile no salão Holetz, ao qual compareceu a «haute gomme» de Blumenau.









### BRASÃO DA FAMÍLIA ODEBRECHT

Escudo redondo, de goles, cortado em faixa de prata, três estrélas de cinco pontas, do mesmo metal, postas duas em chefe e uma em ponta.  
Timbre: elmo de cinco grades que é de visconde, colar de ouro, com medalhão do mesmo metal; encimado por duas trompas (probóscides) de prata, ladeantes a uma estrêla de prata de cinco pontas.

(Descrição: gentileza do Coronel Salvador de Moya,  
Presidente Perpétuo do Instituto Genealógico Brasileiro)





**SUPERMERCADO KOFFKE**  
SEMPRE COM BOAS OFERTAS  
**CARLOS KOFFKE S. A.**

TELEGR. «CARLOSKOFFKE» ou «KOFFKE» - Fone, 1177 - Caixa Postal 277

*Capital: NCr\$ 150 000,00*

**B L U M E N A U**

*Rua 15 de Novembro, 55 — SANTA CATARINA*



# ELETRO—AÇO ALTONA S/A.

Rua Coronel Vidal Ramos, 925 — Fone; 1358

Caixa Postal, 30 — Telegramas; ELAÇO

ITOUPAVA SÊCA — BLUMENAU

SANTA CATARINA



FUNDIÇÃO DE AÇO

LAMINAÇÃO

FÁBRICA DE MÁQUINAS

FÁBRICA DE FERRAMENTAS

FORJARIA

FUNDIÇÃO ELÉTRICA